

## **O urbano e o rural mineiro no século XIX: uma análise preliminar do mundo dos ofícios em Ouro Preto e Piranga \***

Flavia Alves Santos<sup>1</sup>; Rodrigo Alves Barros<sup>2</sup>; Ana Louise de Carvalho Fiuza<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Doutoranda em Extensão Rural na Universidade Federal de Viçosa, MG

<sup>2</sup> Doutorando em Medicina Veterinária na Universidade Federal de Viçosa, MG

<sup>3</sup> Professora do Departamento de Economia Rural da Universidade Federal de Viçosa, MG

**Resumo:** O grande afluxo de escravos para os centros urbanos tanto no período aurífero quanto no pós-aurífero altera demograficamente a constituição da população nos centros mineradores em Minas Gerais. Ouro Preto se destaca como local de grande circulação de negros e por seu caráter citadino. Piranga, região de importante produção agrícola, serviu de abastecimento das regiões mineradoras, considerada uma área menos urbanizada, porém de expressiva importância para a Capitania. Este trabalho busca, através da análise das listas nominativas da década de 1830, apontar os principais setores de atividades em áreas urbanas e rurais, os ofícios nos quais os não brancos eram mais atuantes, e suas possíveis implicações para a sociedade mineira.

**Palavras-chaves:** sociedade, escravos, raça, ofício mecânico.

**Área temática:** 1. História econômica, do pensamento econômico e demografia histórica.

**Apoio:** Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)

\* Este trabalho faz parte de uma pesquisa de doutorado ainda em andamento e apresenta dados preliminares das análises.

# **O urbano e o rural mineiro no século XIX: uma análise preliminar do mundo dos ofícios em Ouro Preto e Piranga**

## **Introdução**

A conflituosa e convulsiva formação da capitania de Minas Gerais nos fins do século XVII foi constituída por indivíduos de várias procedências e estratos sociais bem distintos, com culturas e condições diversas, todos atraídos pelas possibilidades de vida advindas com a descoberta do ouro (Hollanda, 1982). Houve uma grande diversificação de atividades econômicas adjacentes à mineração nessa região, onde a mão de obra escrava abundou até o fim do século XIX. O grande afluxo de escravos para os centros urbanos tanto no período aurífero quanto no pós-aurífero altera demograficamente a constituição da população nos centros mineradores. Stumpf (2015) aponta para o adensamento populacional nas vilas das Minas como uma característica desta Capitania. Segundo ela a população se concentrava nos centros urbanos, principalmente nas capitais das comarcas, que seriam muito próximas entre si. Entre 1832 e 1872, Minas era a província mais populosa do Império, e o contingente de não brancos dentre a população era igualmente notável. Por não brancos entende-se indivíduos descritos como negros, crioulos, mulatos ou cabras. Vila Rica se destaca como um local de grande circulação de negros, sendo constituída por uma sociedade majoritariamente negra ou descendente de africanos (Ramos, 1996). A movimentação causada pela mineração e demais atividades por ela impulsionadas acabam por acarretar uma diversificação do mercado, alterando a estrutura social local, como demonstrado por Farias (2012), ou Pinheiro e Maia (2017). A diversidade de ofícios que surge, exigia uma diversidade de conhecimentos técnicos ou expertise para executá-los. Muitas dessas atividades eram executadas por negros, principalmente aquelas relacionadas aos ofícios manuais e mecânicos, considerados degradante naquela sociedade onde valores aristocráticos prevaleciam. Sendo a cor da pele um estigma para indivíduos não brancos, esta condição afetava diretamente a condição social dos mesmos (Guedes, 2008).

Considerando a constituição da população do século XIX em Minas Gerais, a marcante presença de indivíduos não-brancos e o abundante uso da mão de obra escrava e negra, questiona-se a respeito da atuação desses indivíduos na economia mineira e inserção dos mesmos na sociedade em questão a partir do mundo dos ofícios .

Apesar do consenso abordado por autores como Santos (1996) quanto ao caráter rural da organização socioeconômica no Brasil, e tratando a urbanização como um tema próprio do início do século XX, análises posteriores e mais recentes nos permitem observar a ampla rede de cidades e o caráter urbano da formação mineira a partir da eclosão aurífera (Andrade, 2017). Neste contexto de formação desta malha urbana em função das atividades econômicas desenvolvidas e o tempo de formação e consolidação de cada uma, objetiva-se avaliar as diferentes possibilidades de ofícios existentes em um contexto rural e urbano em Minas Gerais no século XIX. Neste século já se vivência a decadência aurífera e, portanto outras formas econômicas ascendem mantendo a economia mineira ativa. Importante aqui destacar o olhar sociológico que o presente trabalho se pretende, ao focar não somente nas atividades exercidas neste período em ambientes mais ou menos urbanizados, mas por quem eram executados. Torna-se importante se atentar para a constituição demográfica desta população, e para o óbice que a cor da pele representava na condição ou posicionamento social dos indivíduos (Guedes, 2006). Considerando a importância da mineração na formação da Capitania mineira e as repercussões de sua atuação na economia e sociedade, o município de Ouro Preto será analisado como exemplo de um local urbanizado, e Piranga como aquele mais ruralizado, economicamente ativo, porém com características outras que o caráter citadino de Ouro Preto apresentava.

Segundo Andrade (2014) no final do século XVIII e início do XIX, a população piranguense contava com aproximadamente 10.000 habitantes, o que fazia da freguesia um espaço economicamente ativo e diversificado. Fato igualmente constatado por Lemos e Lopes (2009) no período pós-mineração quando demonstra as principais atividades desenvolvidas naquela região. A diversificação de atividades nas propriedades é apresentada por estes autores sendo a produção agrícola destacada, em coexistência com atividades pastoris, de extração mineral e tecelagem. Lemos (2012) apresenta a região de Guarapiranga como abastecedora das regiões de intensa mineração, como Mariana e Ouro Preto, oferecendo aguardente e produtos agrícolas a estes locais. Segundo Costa (2014), além da produção da cana de açúcar e da mineração, ali também se produzia suprimentos internos, que podiam ser também comercializados no mercado local, e realizava-se a criação do gado para o trabalho de tração e carga. Também é relatada a existência de aparelhagens para a confecção das rudes vestimentas da escravaria e algumas tendas de ferreiro. A região também servia de alternativa para uma migração permanente.

Já Vila Rica, a então Ouro Preto, se caracterizava por uma formação urbana maior e mais cristalizada quando comparada a demais distritos da região (Rodarte, 2008). Vieira (2016) relativiza a suposta decadência de Ouro Preto no século XIX analisando justamente o caráter e evolução urbana do município. Para ela, o local mantém sua posição de capital até o fim dos oitocentos reconfigurando novos papéis na rede urbana. O caráter citadino de Vila Rica mostra-se eminente desde sua formação através do dinamismo de atividades tais que o comércio e atividade artesanais, que sustentam economicamente esta urbe.

Importante lembrar que a promoção de vila à cidade era um processo concedido somente à localidades cujos papéis religioso, político ou militar eram expressivos na localidade. A partir de 1711, marca-se um período de expansão das vilas na Capitania mineira e intensa exploração aurífera (Fonseca, 2011). Segundo esta mesma autora, em meados do século XVIII há uma disseminação dos povoamentos nas regiões periféricas de Minas, que se dedicam a atividades agropecuárias e comerciais.

Vila Rica, a atual Ouro Preto, surge em um primeiro momento dessa formação de vilas, compreendido entre 1711 e 1739 (Andrade, 2018). Entre 1831 e 1880, observa-se, segundo este autor, o caráter gradativo e expansionista de um movimento migratório em Minas Gerais. É neste período que se tem a fundação da vila de Piranga, participando ativamente dos circuitos mercantis e impulsionando o desenvolvimento econômico regional.

Considerando as informações a respeito do caráter mais ou menos urbano dos municípios em questão e a composição demográfica dos mesmos, objetiva-se analisar a possível relação entre a cor da pele e o exercício de ofícios nessas sociedades no século XIX. Ressalta-se que o presente trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla e por tempos apresentará dado e análises parciais, referentes somente às sedes municipais, portanto o distrito de Piranga e a cidade de Ouro Preto.

## **Metodologia**

As análises foram feitas a partir das listas nominativas da década de 1830, delimitando as informações que dizem respeito ao então distrito de Piranga e cidade Ouro Preto. As listas foram extraídas do Programa de população nas listas nominativas de Minas Gerais na década de 1830 – Poplin-Minas, disponíveis no site <http://poplin.cedeplar.ufmg.br>. Informações tais que cor ou qualidade, ocupação e categoria administrativa foram selecionadas para análises através do programa SPSS®, versão 25.0. A categoria administrativa foi utilizada para precisar os distritos sede dos locais em questão. Assim, como dados parciais, apresentam-se neste trabalho informações específicas do distrito de paz de Piranga e cidade de Ouro Preto. As porcentagens da constituição demográfica de cada local foram calculadas para que, através

da análise desta composição, fosse possível uma comparação da presença dos negros entre os ambientes urbano e rural. Posteriormente as ocupações são analisadas com o intuito de observar a diferença na atuação dos negros nos diversos ofícios presentes em Ouro Preto e Piranga. No que diz respeito às ocupações, optou-se por classificá-las quanto aos setores de atividade. Assim, mesmo havendo menor precisão quanto às atividades específicas, foi possível obter um panorama geral das atividades desenvolvidas associando-as à cor dos indivíduos que as executava.

## **Resultados e discussão**

No período analisado, a cidade de Ouro Preto apresentava uma população de 3.685 habitantes, havendo uma maior representatividade de indivíduos pardos (43,6% - ver Tabela 1). A porcentagem de indivíduos não brancos, ou seja, aqueles classificados como pretos, crioulos, mestiços e pardos, representa mais de 70% da população de Ouro Preto na década de 1830, corroborando com as informações a respeito da minoria branca na constituição da população no período analisado.

A população de Piranga, com 2.006 habitantes, apresenta igualmente uma maior porcentagem de indivíduos pardos, correspondendo a aproximadamente 35% da população no período analisado. A somatória de indivíduos não brancos representa mais de 80% da população, evidenciando, mais uma vez, a representatividade de indivíduos não brancos na constituição demográfica mineira. Nota-se então uma maior representatividade de indivíduos não brancos na constituição demográfica de Ouro Preto e Piranga, sendo nos dois locais o número de pardos superior às outras “qualidades”.

Em ordem decrescente de representatividade na demografia de Ouro Preto no período analisado, têm-se os pardos, em seguida os brancos, africanos ou pretos, crioulos, mestiços, e 0,5% de indivíduos presentes nas listas de recenseamento sem informação do critério em questão. Já em Piranga, observa-se a maior proporção de pardos, seguidos de crioulos, brancos, africanos ou pretos, mestiços e, finalmente, 0,2% dos indivíduos sem esta informação.

Considerando as questões sociais relacionadas à cor ou qualidade dos indivíduos, pode-se, a partir destes dados, pensar a complexidade desta sociedade no que diz respeito à grande representatividade de não brancos nestas populações, e as subjugações raciais prevalentes na sociedade deste período. A estruturação da sociedade no século XIX assim como as concepções ou valores prevalentes na mesma e consequentes obstáculos na inserção social enfrentados por negros é assunto tratado em diversos trabalhos (Guedes, 2006; Cardoso, 2008; Raminelli, 2012).

Guedes (2006) afirma que a cor da pele constituía um óbice para a condição ou posicionamento social do indivíduo, e segundo ele, a mobilidade social não se resumia unicamente à ascensão econômica, uma vez que a mudança de condição jurídica (escravo, forro ou livre) significava afastamento do antepassado escravo, e esta condição implicava numa priorização da reputação social. Logo, a composição demográfica pode direcionar reflexões a respeito das dinâmicas sociais de determinado local, através da leitura das restrições ou possibilidades de atividades desenvolvidas, acesso às mesmas e outras questões que podem ser relacionadas ou atribuídas à cor da pele do indivíduo.

Tabela 1. População segundo cor ou origem, da cidade de Ouro Preto, na década de 1830

COR OU ORIGEM	OURO PRETO	
	Nº	%
Branco	900	24,4
Africano/preto	499	13,5
Crioulo	551	15
Pardo	1.608	43,6
Mestiço (cabra, caboclo)	107	2,9
S/ inf.	20	0,5
<b>Total</b>	<b>3.685</b>	<b>100</b>

Tabela 2. População segundo cor ou origem, da cidade de Piranga, na década de 1830

COR OU ORIGEM	PIRANGA	
	Nº	%
Branco	372	18,5
Africano/preto	321	16
Crioulo	535	26,7
Pardo	755	37,6
Mestiço (cabra, caboclo)	18	0,9
S/ inf.	05	0,2
<b>Total</b>	<b>2.006</b>	<b>100</b>

Tabela 3. População segundo setores de atividade, por cor ou origem, da cidade de Ouro Preto na década de 1830

COR OU ORIGEM - OURO PRETO								
Setores de atividades	Branco	Africano / preto	Crioulo	Pardo	Mestiço	S/ inf.	Total Nº	Total %
S/ inf.	642	487	478	1271	95	19	2.992	81,2
Agropecuária	09	01	00	17	00	00	27	0,7
Mineração	01	03	24	11	00	00	39	1,1
Atividades manuais e mecânicas	10	06	36	118	07	01	178	4,8
Comerciante	111	01	06	105	01	00	224	6,1
Outras ocupações	121	01	07	86	04	00	219	5,9
Desocupado	06	00	00	00	00	00	06	0,2
<b>Total</b>	<b>900</b>	<b>499</b>	<b>551</b>	<b>1608</b>	<b>107</b>	<b>20</b>	<b>3.685</b>	<b>100</b>

Tabela 4. População segundo setores de atividade, por cor ou origem, da cidade de Piranga na década de 1830

COR OU ORIGEM - PIRANGA								
Setores de atividades	Branco	Africano / preto	Crioulo	Pardo	Mestiço	S/ inf.	Total N°	Total %
S/ inf.	192	217	255	274	11	00	949	47,3
Agropecuária	49	00	17	41	00	00	107	5,3
Mineração	02	03	05	05	00	01	16	0,8
Atividades manuais e mecânicas	58	32	152	280	05	01	528	26,3
Comerciante	28	24	14	23	00	00	89	4,4
Outras ocupações	40	44	81	122	02	03	292	14,6
Desocupado	03	01	11	10	00	00	25	1,2
<b>Total</b>	<b>372</b>	<b>321</b>	<b>535</b>	<b>755</b>	<b>18</b>	<b>5</b>	<b>2.006</b>	<b>100</b>

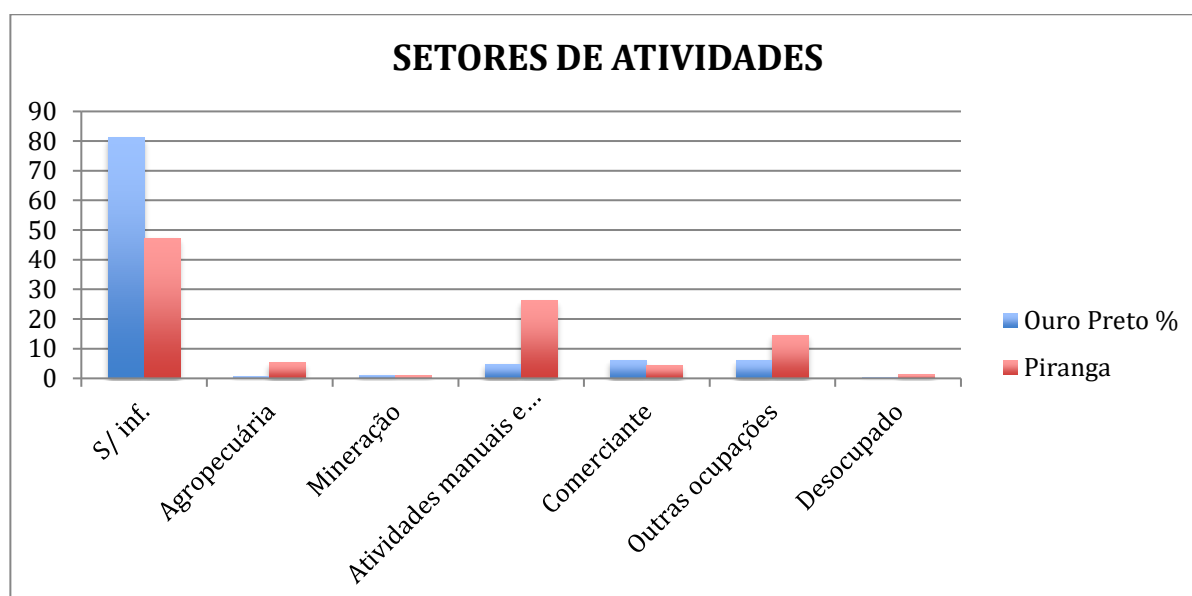


Gráfico 1. Distribuição percentual da população de Ouro Preto e Piranga, segundo setores de atividades e cidade de origem, na década de 1830

Como um panorama geral das duas localidades, destaca-se o grande número de indivíduos sem informação quanto à ocupação em ambas (aproximadamente 47% e 80%, para Piranga e Ouro Preto respectivamente). Apesar da diferença não se demonstrar significativa entre algumas atividades ou não ultrapassar a porcentagem de 20%, percebe-se uma presença mais forte de outras que podem caracterizar a ruralidade de Piranga. Este distrito, como um local mais ruralizado apresenta uma predominância de atividades manuais e mecânicas, seguidas de outras ocupações (descritas nas listas nominativas como jornaleiro, escola, eclesiástico, entre outros), e a agropecuária que se mostra mais evidente que em Ouro Preto (ver Gráfico 1).

Na cidade de Ouro Preto, os setores em maior destaque dentre os dados analisados, são o comercial, outras ocupações, e atividades manuais e mecânicas (ver tabelas 3 e 4). Guedes (2006) afirma que durante o século XVII, as atividades comerciais e do setor de alimentos não traziam prestígio social para seus trabalhadores. Contudo, no século XVIII,

com a ascensão da elite mercantil na hierarquia econômica em decorrência da chegada da família real no Brasil, o “defeito mecânico” foi atenuado socialmente. No Séc. XIX mercadores locais e artesãos já pareciam ser socialmente estimados, ao menos, localmente. Tinham o poder de emitir cartas como abonadores lhes conferia certa reputação social, já que eram indicados e reconhecidos pelo governador. Tal fato talvez permita inferir que a presença da atividade comercial em Ouro Preto e Piranga conferisse distinção nessas sociedades pós decadência aurífera, onde a estrutura social se reconfigurava. A distinção, classificação e hierarquização social são marcas da sociedade brasileira desde o período colonial, sendo este o ambiente, segundo Paiva (2011), no qual as sociedades ibero-americanas foram formadas. A construção e uso de categorias se faz crucial para qualificar e distinguir os sujeitos sociais.

Para análise da relação entre a cor da pele e as atividades desenvolvidas nestas duas localidades, são apresentadas nas tabelas 3 e 4 os setores de atividades relacionando-os aos indivíduos classificados nas listas nominativas como branco, africano/preto, crioulo, pardo, mestiço, ou ainda indivíduos que não constam essa informação (sem informação). Considerando as possíveis relatividades ou alterações que poderiam ocorrer na classificação da qualidade de um indivíduo, relacionadas à sua condição ou posição social, assim como o fato de aqui se apresentar dados parciais de um estudo, as discussões oriundas das análises geradas pelas listas são dadas como possibilidades, e não conclusivas. Como afirmado por Raminelli (2012), havia um estreito vínculo entre a cor da pele e o lugar ocupado pelo indivíduo socialmente.

Em vista das variações e mesmo repetições de ocupações apresentadas nas listas nominativas, optou-se pela classificação das atividades por setores, categoria esta já informada na base de dados analisada. Buscou-se assim uma classificação de maior abrangência que fornecesse um panorama geral das atividades desenvolvidas para caracterização dos locais analisados, associada à cor dos indivíduos recenseados. Os setores de atividade empregados são: a agropecuária, a mineração, atividades manuais e mecânicas, comerciante, outras ocupações e desocupado. Tal classificação nos permite um olhar e diferenciação de ambientes mais ou menos urbanizados pela predominância de cada atividade, assim como a observação de como se dava a alocação da mão de obra em atividades consideradas “estigmatizantes” como aquelas manuais e mecânicas.

Uma primeira análise a respeito dos setores de atividades nos distintos locais sugere uma diferenciação e mesmo uma constatação do caráter mais ou menos urbano de cada um deles. Atividades como a agropecuária, típicas de regiões mais ruralizadas e esperadas em maior proporção nestes locais, se apresentam em grande quantidade em Piranga. A agropecuária se destaca quando comparada às demais atividades desenvolvidas no distrito, e mesmo em comparação com a mesma em Ouro Preto, onde corresponde a 0,7% das atividades desenvolvidas nesta cidade. Esta atividade é exercida em sua maioria por brancos em Piranga, talvez por serem estes os donos das propriedades que investem neste ofício. Piranga, possivelmente por ter servido de local de abastecimento das regiões mineradoras já realizava esta atividade antes do período da decadência do ouro. Após este período, outras atividades foram impulsionadas nas Minas e pode esta ter se destacado em relação ao mesmo exercício em Ouro Preto, onde os pardos são mais atuantes.

As atividades manuais e mecânicas, que correspondem a 26,3% das atividades desenvolvidas em Piranga, sobrepõem a agropecuária neste distrito. São praticadas por uma maioria parda, e, secundariamente, por crioulos. Interessante notar a relação entre o estigma do “defeito mecânico” presente na sociedade deste período e a predominância de indivíduos não brancos que as executam tanto em Ouro Preto quanto em Piranga. São atividades realizadas majoritariamente por africanos, crioulos, pardos e mestiços, sendo os brancos pouco atuantes nas mesmas. Já quando se trata do comércio, atividade possivelmente mais

estimada pela sociedade, percebe-se a presença dos brancos mais marcante que de indivíduos de cor, igualmente nos dois locais. Da população analisada, encontra-se somente um indivíduo inserido no comércio em Ouro Preto, e nenhum em Piranga.

A mineração encontra-se numa realização tímida em Piranga e em Ouro Preto, sendo sua execução distribuída entre as diferentes qualidades de indivíduos. Pode-se aqui considerar o fato de, no período analisado, já se ter passado aproximadamente 70 anos da decadência aurífera, que perde seu auge gradativamente cedendo espaço para outras atividades que se desenvolvem.

### **Considerações finais**

Numa relação decrescente, excluindo as porcentagens de dados não informados, o distrito de Piranga caracteriza-se da seguinte forma quanto a predominância de setores de atividades: presença mais marcante de atividades mecânicas e manuais, seguida por outras ocupações, agropecuária, comércio, mineração e desocupados. Para Ouro Preto, para a mesma década de 1830, a classificação seria primeiramente o comércio, em seguida outras ocupações, atividades manuais e mecânicas, mineração, agropecuária e desocupados. Observa-se uma certa diversificação econômica em ambos os locais através da qual a economia era impulsionada quando a economia já não mais se centrava na exploração aurífera. A partir da possibilidade de novas formas de movimentação econômica, a sociedade se encontra em permanente movimentação em busca de melhores condições e oportunidades. O século XIX é um período de grandes acontecimentos na América portuguesa. Destaca-se durante este período a chegada da família real no Brasil, a independência do Brasil, as leis Eusébio de Queirós, dos Sexagenários e Lei Aurea, proclamação da república. Tais eventos tem repercussões políticas, sociais e econômicas no país, como não poderia deixar de ser em vista da estreita ligação entre estas esferas. Neste conjunto de mudanças e reformulações alguns padrões de vida podem se alterar, outros, contudo, permanecem arraigados na sociedade brasileira. É o que pode-se formular através da análise da constituição da demografia das duas localidades mineiras apresentadas conjugando-a com as ocupações presentes naquele período. Uma grande representatividade de indivíduos não brancos, que sobrepõem largamente o número de brancos nos dois locais, contudo com lugares sociais demarcados e restritos a ocupações geralmente subjugadas, mesmo que elas tenham considerável importância e contribuição para o desenvolvimento da economia. Ouro Preto com seu caráter urbano e cidadão apresenta uma quantidade inferior de atividades manuais e mecânicas em relação à Piranga, caracterizada como rural. Embora a mão de obra não branca seja majoritariamente empregada em ambos locais para este setor de atividade, a representatividade do mesmo é bem maior no ambiente rural. O rural, no caso analisado, se caracteriza em grande parte pelo uso de atividades manuais, ocupações diversas e agropecuária, atividades que fazem uso do espaço natural, menos urbanizado, e permitem abastecer o local e seu entorno. O urbano, representado por Ouro Preto, faz pouco uso da agropecuária, provavelmente por depender de um abastecimento externo. Assim, sua economia pode ser movimentada através de outras atividades que utilizam da produção externa, como pode ser o caso do comércio. A mineração vai perdendo lugar de destaque econômico em ambos locais, pelo esgotamento das fontes e pelas novas possibilidades que surgem. A esfera social, contudo, permanece arraigada dos valores escravocratas, carente de novas possibilidades de inserção social e aproveitamento da mão de obra, muitas vezes capacitada, mesmo que em condição de “liberdade”. A condição social destes indivíduos, assim como os demais distritos pertencentes aos locais por hora analisados restam como próximas análises deste trabalho, assim como um maior aprofundamento das reflexões deste.



## Bibliografia

ANDRADE, M. R. Compadrio e Família em zona de fronteira agrícola: as redes sociais da elite escravista, freguesia de Guarapiranga (c1760-c1850). (Dissertação de mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais. 2014.

\_\_\_\_\_. Africanos libertos em tempos de escravismo: um pouco mais sobre a precariedade da liberdade no Brasil oitocentista. *Temporalidades – Revista de História*, v. 9, n. 3. set./dez. 2017.

\_\_\_\_\_. Compadrio e posse da terra: da produção do espaço às hierarquias sociais (Vale do Rio Piranga, Minas Gerais, 1804 – 1856). (Tese de doutorado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais. 2018.

CARDOSO, Adalberto. Escravidão e sociabilidade capitalista: um ensaio sobre inércia social. *Novos estud. - CEBRAP*, São Paulo, n. 80, p. 71-88, Mar. 2008.

COSTA, L. M. Trajetórias de vida: reconstituindo redes sociais e relações de gênero em Guarapiranga. 2014. In : I Seminário Internacional "Brasil no século XIX". 2014.

FONSECA, C. D. *Arraiais e Vilas d'El Rei: espaço e poder nas Minas setecentistas*, Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2011, 731 p.

FARIAS, J. B. Tese Mercados Minas Africanos ocidentais na Praça do Mercado do Rio de Janeiro (1830-1890). (Tese de doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. 2012.

GUEDES, R. Ofícios mecânicos e mobilidade social : Rio de Janeiro e São Paulo ( Sécs . XVII-XIX ). *Topoi*, v. 7, n. 13, p. 379–423, 2008.

HOLANDA, S. B. de, *Metais e pedras preciosas*. In: *Historia Geral da Civilização Brasileira*. 5ª ed. São Paulo: Difel, t. 1, v. 2, 1982. p. 259-310.

LEMOS, Gustavo. *Aguardenteiros do Piranga: família, produção da riqueza e dinâmica do espaço em zona de fronteira agrícola, Minas Gerais, 1800-1856*. (Dissertação de mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais. 2012.

\_\_\_\_\_, LOPES, Luiz Fernando Rodrigues. Distinguir & Enraizar nas Minas Gerais: Estratégias Sociais da Elite Local da Freguesia de Guarapiranga (1750-1850). In: *2o Colóquio do Laboratório de História Econômica e Social*, 2009, Juiz de Fora.

PAIVA, E. F. Iconografia Colonial das Minas Gerais e do Peru: Para uma História Comparada. *Portuguese Studies Review*, v. 18, p. 61-79, 2011.

PINHEIRO, F. D.; MAIA L. de S. *Cativas do corpo, libertas pelo trabalho: casos de mulheres de cor nas fronteiras entre escravidão e liberdade (Mariana, séculos XVIII e XIX)* Cad. Pagu no.50 Campinas 2017 Epub Sep 28, 2017.

RAMINELLI, R. Impedimentos da cor mulatos no Brasil e em Portugal c. 1640-1750. *Varia Historia*, v. 28, n. 48, p. 699–723, 2012.

RAMOS, Donald. “O quilombo e o sistema escravista em Minas Gerais”, in: Reis, João José e Gomes, Flávio dos Santos(orgs.). *Liberdade por um Fio: História dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia da Letras, 1996, pp.164-192.

RODARTE, M. M. S. O trabalho do fogo: Perfis de domicílios enquanto unidades de produção e reprodução na Minas Gerais Oitocentista. (Tese de doutorado). Faculdade de Ciências Econômicas. Universidade Federal de Minas Gerais. 2008.

SANTOS, M. A urbanização brasileira. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1996. 157 p.

STUMPF, R. G. Minas contada em números – A capitania de Minas Gerais e as fontes demográficas (1776-1821). *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 34, n. 3, p. 529, 2015.

VIEIRA, L. C. Ouro preto e o Século XIX: o mito da decadência. *Revista CPC*, São Paulo, n.22, p.145-189, jul./dez. 2016.